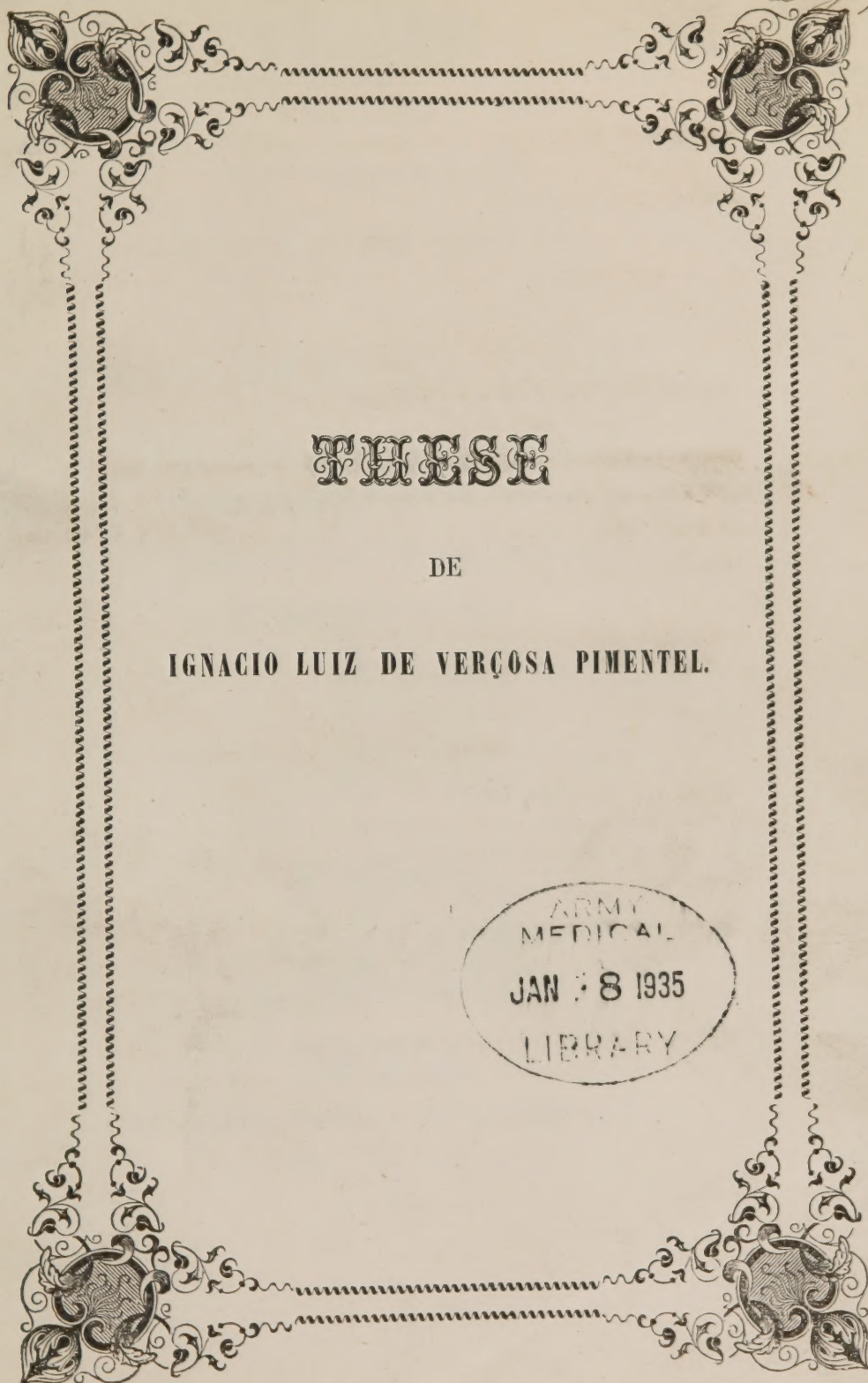


34

de Verçosa Pimentel, Ignacio L.

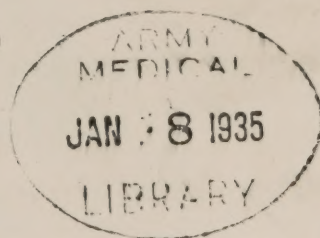
Do Mui^{re} Sr^{te} D^{na} Ant^{ia} M^ã Barboza. offerece a coll^{ecção} de
de Japão



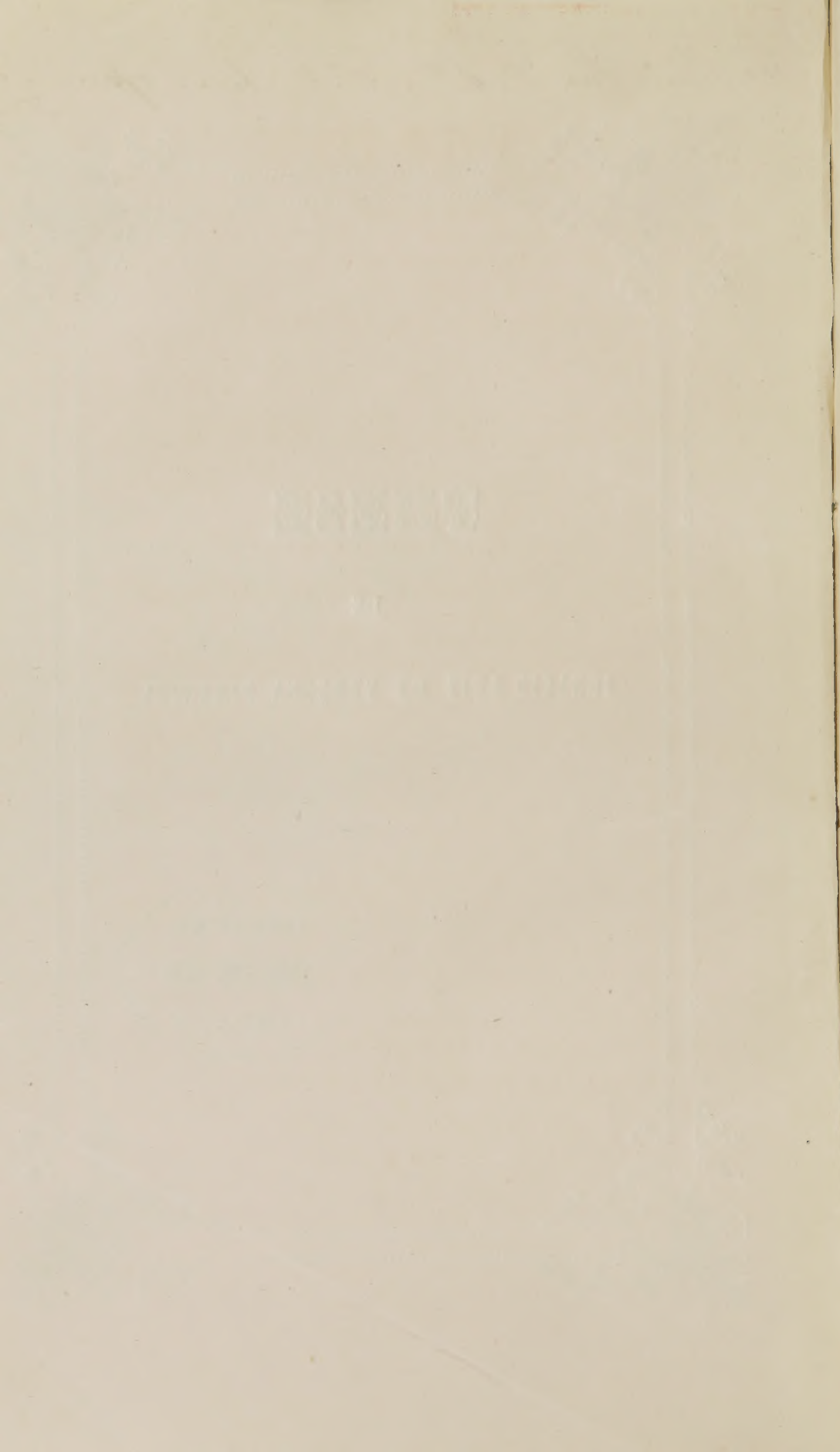
THESE

DE

IGNACIO LUIZ DE VERÇOSA PIMENTEL.



INDEXED C. B.



THESE

QUE SUSTENTA

PARA OBTER O GRÃO

DE DOUTOR EM MEDICINA

PELA

FACULDADE DA BAHIA,

IGNACIO LUIZ DE VERGOSA PIMENTEL

NATURAL DA VILLA DE PORTO CALVO (ALAGOAS)

Filho legitimo de Joaquim José de Mello Pimentel e Angelica Luis de Vergosa.

EM NOVEMBRO DE 1864.

Os nossos triumphos, não os obtemos na praça ou no theatro, diante da multidão que applaude; mas lá, no recondito de uma casa, no aposento silencioso, onde geme a creatura. Só Deus os contempla, só elle os recompensa. O mundo e aquelles mesmos a quem salvamos, nos pagam, mas nem nos agradecem ás vezes. Foi a natureza, dizem elles. Mas os reveses, esses pesão sobre nós.

DIVA.—* * *.



BAHIA:

TYPOGRAPHIA POGGETTI DE TOURINHO & C.^a

Rua do Corpo Santo n.º 47

1864

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DIRECTOR

O Ex.^{mo} *Snr. Conselheiro Dr. João Baptista dos Anjos.*

VICE-DIRECTOR

O Ex.^{mo} *Snr. Conselheiro Dr. Vicente Ferreira de Magalhães.*

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES

	1.º ANNO.	MATERIAS QUE LECCIONAM
Cons. Vicente Ferreira de Magalhães	} Physica em geral, e particularmente em suas applicações a Medicina. Chimica e Mineralogia. Anatomia descriptiva.	}
Francisco Rodrigues da Silva		
Adriano Alves de Lima Gordilho		
	2.º ANNO.	
Antonio de Cerqueira Pinto	} Chimica organica. Physiologia. Botanica e Zoologia. Repetição de Anatomia descriptiva.	}
Antonio Mariano do Bonfim		
Adriano Alves de Lima Gordilho		
	3.º ANNO.	
Elias José Pedroza	} Anatomia geral e pathologica. Pathologia geral. Physiologia.	}
José de Góes Siqueira		
.		
	4.º ANNO.	
Cons. Manoel Ladisláo Aranha Dantas	} Pathologia externa. Pathologia interna. Partos, molestias de mulheres peçadas e de meninos recém-nascidos.	}
Alexandre José de Queiroz		
Mathias Moreira Sampaio		
	5.º ANNO.	
Alexandre José de Queiroz	} Continuação de Pathologia interna. Materia medica e therapeutica. Anatomia topographica, Medicina operatoria, e apparelhos	}
Joaquim Antonio d'Oliveira Botelho		
José Antonio de Freitas		
	6.º ANNO.	
Antonio José Ozorio	} Pharmacia. Medicina legal. Hygiene, e Historia da Medicina.	}
Salustiano Ferreira Souto		
Domingos Rodrigues Seixas		
Antonio José Alves	} Clinica externa do 3.º e 4.º anno. Clinica interna do 5.º e 6.º anno.	}
Antonio Januario de Faria		

OPPOSITORES.

Rozendo Apriglió Pereira Guimarães	} Secção Accessoria.	}
Ignacio José da Cunha		
Pedro Ribeiro de Araujo		
José Ignacio de Barros Pimentel		
Virgilio Climaco Damazio	} Secção Cirurgica.	}
José Affonso Paraizo de Moura		
Augusto Gonçalves Martins		
Domingos Carlos da Silva		
.	} Secção Medica.	}
Antonio Alvares da Silva		
Demetrio Cyriaco Tourinho		
Luiz Alvares dos Santos		
João Pedro da Cunha Valle		
Jeronimo Sodré Pereira		

SEGREFARIO.

O Exm. *Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva.*

OFFICIAL DA SEGREFARIA

O *Sr. Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar.*

A Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas.

PONTOS.

DISSERTAÇÃO.

Casamentos illegitimos diante da hygiene.

PROPOSIÇÕES.

Qual o mais seguro, mais prompto e mais inoffensivo meio de promover-se o parto prematuro?

Séde das molestias.

Póde-se sempre determinar com certeza se houve defloramento? E si foi este praticado por instrumento diverso do membro viril, ou si por este? E n'este caso se houve ou não emprego de violencia?



THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

1892

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
1892

1892

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
1892

DISSERTAÇÃO.

. tachons d'élever et de moraliser le mariage, au lieu de mettre l'amour en dehors des unions légitimes: quand nous aurons concilié le sentiment avec le devoir, on n'invoquera plus le sentiment pour violer le devoir.

F. LAURENT.—*Etudes sur l'histoire de l'humanité.*

II.



HISTORIA do casamento é tambem a historia da mulher.

Na tela purissima onde se desenhão e transparecem seus prantos e risos, suas decepções e esperanças, avulta e destaca-se tambem a instituição sacrosanta do casamento.

Por elle e para elle é que vive a mulher.

Por elle é que a mulher deixa pae e mãe.

Por elle é que a Indiana supersticiosa atirava-se ás chammãs que a deviam transportar ao esposo que a deixára sosinha.

Por elle é que Epomina entregava-se com Sabino aos horrores de um exilio.

O casamento é a sua cruz e a sua redempção.

Eugenio Pelletan fallando do Feudalismo exprime-se n'estas eloquentes e sentidissimas palavras: *La féodalité!... ah! si jamais on pouvait en écrire l'histoire, les pierres elles memes se metteraient à pleurer.*

Si todos soubessem a historia da mulher desde o *fiat* até o dia em que emancipou-a o christianismo, ninguem a apedrejava como á Magdalena peccadora, mas todos respeitavam-na como se respeita uma victima.

Parirás com dores! Serás escrava do homem! foi a sentença tremenda e irrevogavel pendida dos labios do Creador.

E em tudo cumprio-se a sentença!

O selvagem seu primeiro marido espancou-a e sorrio-se; porque espancava uma escrava.

O patriarcha mais civilisado que o selvagem, porem mais culpado que elle, porque fechava os olhos á luz purissima da Biblia, não a espancou, mas vendeu-a ao pastor que lhe deu em troca tantos carneiros, e dispoz d'ella como propriedade sua, como uma *cabeça* de mais que elle ajuntava ao rebanho.

A Philosophia antiga, cheia de uma cousa que ella chamou sabedoria, e que era menos que isto e muito menos ainda que ignorancia, afirmou—*que ella tinha uma alma de segunda ordem na humanidade.*

A Azia encerrou-a em serralhos, deu-lhe por companhia o Eunucho e disse-lhe—*desperta-me do somno voluptuoso do opio para continuarmos outro mais lascivo e mais depravado ainda.*

E a desventurada soffria e chorava, e os que tinham olhos para divisar-lhe estampado na fronte o signal de sua maldição, nunca tiveram mãos para enchugar-lhe os prantos.—Uma instituição, se quer, não levantou-se nunca para protegê-la das injustiças dos tempos e dos homens. (1)

Tambem, Deus lhes perdoe: o que poderiam elles fazer si não lhes sobrava tempo para praticarem a circuncisão, a infibulação e a castração, ou extaziarem-se diante da estatua do *Hymineu que retarda*

(1) O que os antigos fizeram em favor da mulher, é de tão pouca monta que não nos ficam remorsos da proposição que aventuramos.

a *velhice*—e do *Lingan* e *Phallus* cujos *pudicissimos* symbolos elles obrigavam os devotos a trazer no pescoço, como se traz um relicario.

Deus lhes perdoe, e reserve no céu um canto longe dos pobres de espirito, á Ovidio, Juvenal, Horacio e Plauto que tão bem descreveram e satyrisaram-lhes o erotismo.

Entretanto a emancipação chegou; mas chegou como apparecem todas as emancipações—faces ensanguentadas e membros pisados pela lucta barbara, e sempre ingloria dos tempos e costumes.—O symbolo d'ella não foi um cadafalso erguido na praça publica; porém uma cousa mais pungente e edificante, porque a victima era o Filho de Deus, e o martyrio uma Cruz.

Então mudaram-se as scenas.

O selvagem foi desentranhado das mattas; reformou-se a philosophia; e regeneraram-se os costumes.

A justiça e a equidade com sua irmã—a esperança—sentaram-se nas *Cathedraes christãs* d'onde expelliram os publicanos para dar passagem ao sacerdote d'alva e amicto.

O casamento foi elevado a cathegoria de Sacramento, e a mulher sorriu-se.

Si houvessem Gethsemanes para as alegrias, como o houve para as dores, de certo a mulher n'aquelle momento devia ter tambem o seu.

Mas em quanto se vae ella revendo no piedoso orgulho de sua dignidade, caminhemos nós, já que é força caminhar, embora apavorados pelo phantasma infelizmente verdadeiro d'aquellas palavras de Pascal: —*as sciencias são um labyrintho onde mais se enreda quem mais perto se cuida da sahida.*

II.

Se o casamento é a synthese do viver da mulher, porque o amor é

a historia de sua vida inteira, ao homem não convem esquivar-se á elle, porque o celibato é a transgressão das leis physicas e moraes.

Entretanto não pense já alguém, que pretendemos acordar com blasphemias os echos soturnos dos mosteiros, ou fulminar de morte as instituições religiosas como costuma tanto socialista *consciencioso*, que em cada pedra de um convento vê arder uma fogueira jesuíta, ou uma excrescencia, que é preciso cortar.

Não: si fosse preciso, abraçaríamos antes a opinião de Chateaubriand, ou a de M. Becquerel que a este respeito não deve ser suspeito: *La contenance est plus facile à observer dans l'état ecclesiastique que dans toute autre position sociale. La preparation sévère des grandes séminaires a déjà amorti la constitution et l'a desposée à subir les rigueurs de la chastité.* (1)

O nosso fim é outro: o celibato de que vamos tratar não é o celibato mystico, poetico, edificante necessario dos filhos de S. Francisco, não: nós nos occuparemos do que se retrahe aos encargos da familia por commodidade, do que se escusa ao dever para entregar-se ao vicio, do celibato mundano, que na phrase de Brierre de Boismont—*é a viuvez produzindo o suicidio.*

Si a historia remota de um costume é o titulo de honra com que se elle ostenta no presente, certo, o celibato não tem de que se orgulhar perante a moralidade hodierna.

De feito: apesar do desprezo em que vivia a mulher na antiguidade, comtudo já o celibato era condemnado e punido.

Entre os Gregos era elle olhado como uma especie de horror; porque os que o professavam eram privados de certas garantias sociaes.

Os Spartanos cobriam de infamias o que fugia ao casamento: Platão

(1) No numero d'estes, collocamos, com muitos authores, os individuos cuja vastidão, e actividade intellectuaes abafam, por assim dizer, a erupção dos órgãos sexuaes:—Newton e Pitt morreram virgens; Kant odiava as mulheres.

obrigava o celibatario a dar uma certa quantia que se dedicava á Juno; os Romanos os excluïam dos cargos da republica.

Si hoje não ha instituições que os punão, nem interesses reaes que os obriguem á não furtar-se ás leis eternas da familia, por que o casamento adquiriu os foros de livre, condemna-os a opinião dos homens sensatos e coagem-n'os os achaques prematuros que alquebram-lhes o corpo e a alma.

D'entre os modernos ninguém melhor que E. Pelletan poz em relevo a physionomia moral tantas vezes enganadora do egoista social: *Méfiez vous de quiconque vit en plaine revolte contre la famille. Il lui manque quelque vertu, n'importe laquelle; si ce n'est pas celle là, c'est une autre, mais toujours une vertu.*

E, Pelletan tem razão: o celibatario quando não é um cynico, é um immoral, quando não é um immoral, é um ingrato, quando não é um ingrato, é um egoista, si o egoismo e a immoralidade não são a synthese de tudo isto.

Com effeito: ahi tendes um mancebo forte e robusto capaz de manter-se á si e á uma familia, perguntae-lhe—porque não vos casaes?—responder-vos ha invariavelmente: *Estou muito moço ainda—quero gozar. tenho medo—os maridos hoje são pouco respeitados. Si eu soubesse que não tinha filhos.*

Si nos não illudimos, não precisa mais nada para ver-se em tudo isto a falta d'essa virtude, de que falla o escriptor francez, e que para nós não é senão a da coragem de pagar uma divida que tem em aberto para com seus antepassados.

No entretanto, á nosso ver, o que salva a humanidade d'essa especie de lepra que assola as grandes cidades, o que a livra d'esse concubinato tacito das sociedades civilisadas não é de certo o protesto dos tempos que já lá foram, nem a maldicção de escriptores humanitarios, não: uns e outros clamam no deserto.

A taboa de salvação está em que n'este holocausto á commodidade,

o sacrificador é sempre a victima; e então—ou ainda é tempo de salvar-se, e o arrependimento aproveita á sociedade, que ganha um pae de familia; ou—é já tarde e o exemplo de uns serve de correção á outros.

O exemplo ahi está nas estatisticas.—As de Casper, sobre os obitos, as de Desportes, relativas aos alienados, e as de Prevost á respeito dos suicidios, provam exuberantemente em que proporção extraordinaria estão os celibatarios para os casados.

O que a estatistica não puder apresentar-vos podeis vel-o ahi em qualquer angulo de uma cidade civilisada onde as luzes do progresso nada deixam em trevas nem as misérias humanas—vereis o moço arrastando uma velhice temporan e o velho esforçando-se para fingir uma mocidade sempre ridicula. São dois typos tantas vezes escarnecidos por poetas e romancistas—são duas victimas da syphiles, da gotta, do rheumatismo, e da tuberculose.—Podeis vos aproximar: nem um nem outro é um pae de familia que gastasse a mocidade e forças entre a cabeça loira de uma creança, e a fronte pura e sympathica de uma mulher, não: são dois celibatarios que fugindo ao formoso grupo do—*Resgate de Andromeda*—de Puget, extasiaram-se diante da *Venus* de Praxiteles.

Para a mulher ha ainda um celibato que não é o da freira, nem tambem o da messalina; mas um outro mais triste e lamentavel—o que é imposto á virgem por preconceitos paternos, e muitas vezes por vaidade da sciencia. D'estes fallaremos em occasião opportuna. Agora só ha espaço para a questão principal que já nos acena impaciente.

III.

Quando ao impulso bemfasejo do christianismo, leis e instituições trabalhavam perseverantes pela regeneração da mulher, era um crime

para a sciencia deixar-se ficar de braços crusados e indifferente á aurora formosissima, que abria uma nova era á familia e á humanidade.

A hygiene lembrada ainda do que fôra nas mãos do primeiro legislador acode prompta ao reclamo, e estendendo e alargando os seus dominios até então estreitos e circumscriptos, accompanha as outras sciencias suas irmãs, que com ella, vão caminho do progresso.

É assim que estudando na arvore carcomida os effeitos de uma dissolução eminente, procuram prevenil-os nos renovos, que poderão ainda abrolhar em fructos abengoados.

É assim que parecendo fundar-se na physiologia e pathologia, condemna por illegítimos os casamentos *prematturos, os tardios, os desproporcionaes, os contrahidos entre consanguineos, entre individuos atacados de molestias hereditarias, entre os de tempzramentos e constituições semelhantes, e finalmente em casos de vícios de conformação de bacía.*

Si todas estas exigencias da sciencia irão ou não ferir de morte a espontaneidade que deve sempre haver em taes uniões, si tanta condição equivale ou não á creação de um novo monte Taygete d'onde os Spartanos atiravam as creanças que tinham a infelicidade de não prometter lhes um athletismo de que tanto precisavam aquelles tempos bellicosos, é o que não examinaremos antes de accompanhar a hygiene em suas demonstrações á respeito d'esses diversos pontos.

Segundo as experiencias dos antigos e dos modernos, diz Dehay, é reconhecido que a epocha a mais favoravel ao casamento e á seus fructos é, em geral, de vinte e cinco á quarenta annos para o homem, e de dezoito á trinta annos para a mulher. Chama-se precoces as uniões feitas antes d'essas idades, tardias as que se contrahem depois.....

As experiencias são estas: na adolescencia a função de assimilação sobrepua ainda, como nas primeiras epochas da vida á de dissassimilação—o individuo nutre-se e cresce. N'essa epocha os órgãos não chegaram ainda nem á sua energia physica, nem á sua plenitude physiolo-

gica. Na mulher o monte de *Venus* arquea-se e proemina, mas ainda o cobre lanugem delicadissima; os seios alargam-se, mas as suas aréolas não se destacam visíveis; as menstruações fazem-se; mas não regulares, como na puberdade.—A rapariga de hoje não é a menina travessa e indiscreta de então, mas não é também a donzella reservada e reflectida á quem a natureza vae confiar a mais poetica e a maior das responsabilidades—a de ser mãe.

No homem, o rosto, os peitos e os membros principiam agora á cobrir-se de pellos, os testiculos regorgitam em seu fluido natural, mas não ainda muito perfeito, os musculos carecem ainda do vigor que se nota no varão, a imaginação ainda não cedeu o passo a reflexão, nem o coração á cabeça, finalmente na phrase sempre eloquente de Beclard, *n'essa epocha, o homem que não é um menino, não é também um homem.*

Na velhice porém tudo dá-se ao inverso do que vimos na outra idade.—Agora a desassimilação supera a assimilação: a massa do corpo diminue, a pelle descora-se, o coração bate frouxo e descompassado, a sensibilidade embota-se, os membros cambaleiam, os cabellos alvejam e o velho senta-se desconsolado aos pés da sepultura.

D'esses principios é que decorrem para o hygienista a repugnancia ás uniões *precoces* e *tardias*.

No primeiro caso, ou os interessados n'ella não estão ainda aptos para o *crescite et multiplicami* (na infancia), ou si o estão, gastam-se, fatigam-se arrastados pelo fogo de uma imaginação ardente, e o resultado é uma geração pèca e hediondamente defeituosa. No segundo (na velhice) estas verdades patenteiam-se á toda luz. Si a energia exagerada é prejudicial aos fins do casamento,—muito mais a ausencia d'ella.—O velho, para o hygienista é sempre uma especie de Saturno á devorar os proprios filhos.—Na sua triste decadencia nem se quer resta-lhe o recurso de ter ao pé de si uma mulher sua, que o console do tedio da velhice, si d'isto não se lembrou elle muitos annos antes de morrer.

A essas considerações juntam-se outras, que não esquece nunca á quem trata d'essas questões—são as provas historicas.

Lycurgo legislava que o homem não se podia casar sem ter completado trinta e sete annos de idade, e a mulher desesete; Platão—trinta para o homem e vinte para a mulher; Solon—trinta e cinco para ambos. De nossa constituição fallaremos mais tarde.

Agora, quanto aos casamentos *desproporcionaes*, se soubermos que são assim chamados—*as uniões nas quaes a idade de um dos contrahentes excede muito a do outro*, bastará somente fazer-lhes applicação do que dissemos em respeito aos *precoces* e *tardios*, corroboral-os ao depois com uma pintura erotica das do gosto de Debay, para concluirmos o que ha sobre os tres primeiros pontos de prohibição dos casamentos.

A applicação é facil: si para que o casamento dê fructos sasonados é preciso que os contrahentes apresentem um certo gráo de robustez, e si nas uniões entre moço e velho não se encontram taes requisitos—os seus resultados são sempre tristes.

Quanto ao que diz Dabay é o seguinte:—*Os mancebos aos quaes os attractivos da fortuna impellem á casar-se com mulheres velhas, esgotam promptamente o seu vigor principalmente quando tracta-se d'essas mulheres decadentes já, mas insaciaveis de luxuria e cuja parte genital é uma fornalha que devora tudo. As raparigas unidas á velhos libertinos deterioram-se depressa, ou porque entregam-se com repugancia á lascivia de seus esposos, ou porque o velho remoja á custa de seu viço, e si por acaso a concepção tem lugar, o que esperar de um ser procreado em taes condições?*

E o que é mais ainda, é que muitas vezes ao escarneo insultuoso de uma sciencia presumida, vem juntar-se o riso provocador de ignorantes ou mal intencionados para os quaes a presença de um velho que conduz pelo braço uma rapariga na flor dos annos, é sempre um escandalo.

Pobre gente! não vêem as cousas senão pelo que ellas tem de palpavel e tangivel.

IV.

O motivo poderoso que leva o hygienista á prohibir as uniões entre consanguineos prende-se directamente ao facto do cruzamento das raças.—A utilidade de um, exclue a possibilidade das outras.

Antes de entrarmos no modo porque o creador industrioso consegue transformar uma raça inteira em outra que surge com caracteres tão dissimilhanes e oppostos, que dir-se-hia uma raça originaria, é preciso estabelecer esta verdade acceita e propagada por todos os physiologistas—no cruzamento de raças a influencia do sangue é diminuta e quasi nulla em relação ás influencias metereologicas sobre as quaes vive o animal—A influencia do primeiro é periodica, intermittente, as outras—duradouras e continuas. Para que o creador obtenha os resultados desejados é absolutamente necessario que sangue, e clima se dêem as mãos e obrem no mesmo sentido.

É assim que si transportarmos um certo numero de individuos á um paiz estrangeiro, e o subtrahirmos á communicação de outros da mesma especie, esses individuos depois da terceira geração se apresentarão com todos os caracteres dos naturaes; si em lugar de separarmol-os dos indigenas, como fizemos, os posermos logo em contacto com elles, então a transformação é rapida e não haverá receio de que a raça *degenere*; porque sangue e clima ali estão á obrar no mesmo sentido.

Si pelo contrario deixardes o rebanho nos campos que o viram nascer, e introduzirdes n'elle sangue estrangeiro, tereis logo um novo producto semelhante ao individuo cujas qualidades, em vão desejaes perpetuar. Em vão; porque pouco tempo depois vereis a raça degenerar.

Aqui o sangue não obra de harmonia com o clima, e a acção do segundo sendo continua e duradoura, como dissemos, ha de sempre suffocando a outra, imprimir modificações que a outra provoca, mas não pôde sustentar.

Estabellcidos estes principios perguntar-se-ha—qual a utilidade do crusamento das raças? . . . Qual o fim do creador na prossecução de uma creação, por assim dizer, artificial e calculada.?

Todos nós o sabemos: é substituir qualidades desvantajosas por qualidades outras, que aproveitam as artes e industrias.

O como se faz isto, é o que convem examinar ainda que rapidamente.—

Um erro que partilha um grande numero de criadores, diz Beclard, consiste em crer que toda a questão de melhoramento das raças é o seguinte: Transformar a raça do paiz em que se fazem estes trabalhos em uma outra raça determinada que existe fóra d'elle, e á qual tomou-se emprestado um certo numero de garanhões.

Estas palavras do grande physiologista, são o corollario dos principios que acabamos de estabelecer, e o supplemento d'essas outras do mesmo physiologista:—*Póde-se transportar individuos, mas não se transporta uma raça: seria preciso para isto transportar com ella o ceu, o ar, o solo, as aguas e as hervas.*

O creador, portanto, que desejar melhorar uma raça não tem que pedir nada ao estrangeiro, porque transportará sempre uma inutilidade dispendiosa e cheia de trabalhos.

Ninguem pense que estas raças de cavallos, bois, carneiros, que fazem o orgulho do creador inglez, as tomara elle emprestado á paiz estrangeiro, não: são todas nascidas em seus plainos, por crusamentos engenhosos de individuos da mesma familia, que sobresaem á outros em certas qualidades.

É d'esses principios eternos de sã physiologia, mal interpretados

pelos hygienistas, que decorre a prohibição ás uniões entre consanguíneos.

Não ha nenhum que não diga:—*On a remarqué que les familles nobles s'éteignaient rapidement se les aristocraties ne se recrutaient des nous nouveaux, les rangs seraient en quelque siècle seulement, renversés Par la mort.* (1)

Toute aristocratie que se renferme en elle même sans remplacer les maisons que s'éteignent, se consume et meurt. (2)

Si quisessemos continuar n'esse sentido talvez fosse preciso escrever um livro.

Entretanto, o mais interessante, é que a religião e as leis, que n'ella se fundam não são deixadas em paz quando tratam de prohibir, unicamente á bem da moralidade, as uniões entre parentes chegados.

Essa engenhosa lembrança é de Devay:—*Ainsi, diz elle, les institutions canoniques chrétiennes, d'où derive, en grande partie, la moralité de notre législation moderne, ont elles donné la preuve d'une sage prevoyence, fondée sur une science profonde des lois de la vie, en prohibant l'union matrimoniale dans certains degrés de parenté.*

Tudo isto que colhemos cuidadosamente e o mais de que podíamos lançar mão, se estivessemos escrevendo um tractado sobre casamentos, serve ao hygienista para oppor-se ás uniões entre consanguíneos; porque ella *abastardeia as raças physica e moralmente.*

Os cacheticos e estupidos são quasi sempre rementões de parentes que se ligaram por laços indissoluveis, dizem os hygienistas.

(1) Devay—Hygiene des familles.

(2) Virey—Rapports conjugaux.

V.

Em medicina como em todas as sciencias racionaes, um facto explica outro facto, e a reunião de todos é o protesto vivo contra emperados e tacanhos que tímbram em descerer de tudo.

O crusamento das raças acha a sua justificação plena no facto inconcusso e maravilhoso da herança. Si não negamos o primeiro, muito menos o segundo.

No contacto do esperma com o ovulo, que se desprende da vizicula de Graaf, ha a consummação de um mysterio que a sciencia poz por nome herança, e que não é outra cousa mais do que o legado fatal da primeira culpa, ou a justificação d'essas tremendissimas palavras do Exodo tantas vezes cumpridas: *Eu sou o Deos forte e ciumento, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração em todos aquelles que me odeiam, e amercia-se depois de mil, d'aquelles que me amam e guardam os meus preceitos.*

A herança em suas manifestações externas toma a triplice denominação de *physica, moral, e morbida* que os factos justificão plena e cabalmente.

De feito: quem ignora que certos caracteres physicos predominam em certas familias e muitas vezes servem de as distinguir de outras?

N'umas é a extensão do nariz, a grossura dos labios a grandeza da boca; como nas familias romanas dos *nasones, labeones, e buccones*.

O nariz aquelino é hereditario nos Bourbons—os Guizes conheciam-se pela boca e pelas orelhas—os Montmorency pela largura da fronte.

N'outras é a pequenez das mãos, dos pés, da cabeça, da estatura, a obesidade, os temperamentos, as constituições, a longevidade, as monstruosidades, a maior ou menor aptidão á procreação.

Entre as bizarrrias de Guilherme da Prussia conta-se a de ter formado um exereito de gigantes.

Segundo Debay na familia de João Rowir, na Hungria, o pae viveu cento e setenta e dois annos, a mulher cento e sessenta e quatro, o mais velho dos filhos tinha cento e quinze annos quando lhe morreu o pae, e o mais moço completava um seculo.

Se acreditarmos no testemunho de Van Derbach existiu uma familia hespanhola composta de quarenta pessoas e todas com dedos supranumerarios.

Ha familias á cujas mulheres muito commodista tem receio de ligar-se pela fertilidade proverbial.

Todos estes caracteres e muitas vezes um só d'elles constitue o que se chama—typo de uma familia, ou mais extensamente—de uma raça.

Consequencia do primeiro facto, como a herança morbida é o corollario de ambos, a herança moral é outra verdade inconcussa robustecida pela historia. Nós nos contentaremos com alguns factos citados por Debay.

A familia dos Melciades deu muitos heroes; a de Pericles—profundos politicos.

A arte oratoria era tão natural aos Hortencios, aos Curiões, e aos Lelios, que transmitiu-se não só aos mancebos, como ás raparigas.

Todos sabemos como se enraizaram os crimes e depravações nas familias de João XII, Benedicto IX, Xisto IV, e dos Borgias.

Si o esperma são, perpetúa até a consumação dos seculos essas qualidades denominadas physiologicas, não repugna que, degenerado por qualquer motivo, transmita o que pelo tempo adiante se assignala com o nome de molestia.

É por isto que ainda ha pouco disiamos, que a herança morbida era o corollario da physiologia. Os pathologistas disem que uma é o facto particular da outra.

A herança tem seus caprichos e irregularidades que é preciso esboçar, ainda que ligeiramente.

Não está ainda decidido para Beraud a influencia que tem o pae sobre a filha e a mãe sobre o filho. Para Debay esta influencia é evidente diante da historia. O que é verdade, é que a creança está mais exposta a herdar a molestia do parente que com ella mais se assemelha.

As molestias hereditarias podem accometter uma geração inteira, podem saltar muitas gerações e manifestar-se n'alguns dos ultimos descendentes, e o que é mais notavel ainda, é que antes de manifestar-se nos ascendentes já se tem patentado em larga escala nos descendentes.

Quaes são as molestias que se devem reputar hereditarias?—ou melhor—qual o methodo que deve seguir o medico para provar que uma molestia merece tal epitheto?

Chomel com o tino e pratica que o caracterisam, responde a questão com estas palavras:—*Le point important est de déterminer d'abord si telle maladie que s'est montrée chez les parents se développe souvent chez les enfants; et en suite à quel point ce développement est fréquent. C'est donc en descendant les générations plutôt qu'en les remontant, qu'on me passe cette expression, que la question des maladies héréditaires doit être étudiée et peut être définitivement jugée.*

Não sabemos si este methodo do distincto pathologista será sempre seguido, o que é certo é que, a phthysica, a alienação mental, a epilepsia, as diversas nevroses, as molestias de coração, a gotta, os dactros, o cancro, as escrophulas, o rachitismo, e a syphilis são sempre trazidas como molestias hereditarias.

Deixando estas considerações puramente pathologicas vejamos como a hygiene procura por meio dos casamentos debellar esse Protheu da pathologia.

Mas, ireis cahir em contradicção palpavel, contemplando como contemplastes, no numero dos casamentos prohibidos pela hygiene as uniões entre individuos atacados de molestias hereditarias, e dizendo-

nos agora que procura-se destruir as heranças morbidas por meio d'estas mesmas uniões.

A resposta á isto nós a daremos em occasião opportuna.—Por ora deixai-nos caminhar.

A theoria dos contrastes, ou crusamento foi a que a hygiene houve por bem escolher para de dous diathezicos conseguir-se fructos sazonados.—Assim estabeleceu:

a.—Antagonismo nos temperamentos e constituições, para d'ahi resultar temperamentos e constituições mixtas, que destruíssem *a tendencia inicial da força plastica* que caminha para a degeneração do organismo. Una-se o individuo lymphatico ao bilioso, o sanguineo ao nervoso, o fraco ao forte.

b.—Antagonismo nas molestias e predisposições originarias.—Exemplo: unir o rachitico ao pletorico; o predisposto á alienação mental ao descendente de familia onde as faculdades intellectuaes são robustas e o juizo solido.

c.—Antagonismo de estatura—unir o alto ao baixo, e vice-versa. Á esses meios juntam-se ainda, a escolha das idades e dos lugares, e finalmente a prohibição definitiva ás uniões entre individuos atacados de molestias hereditarias graves e incuraveis; porque ellas se transmittirão infallivelmente á progenie.—É esta a opinião de Debay.

O mais que ha sobre isto diz respeito á prohibição de casamentos entre consanguineos, do que já fallamos no capitulo anterior.

Segundo a ordem que estabelecemos em nosso trabalho, resta-nos tratar ainda de dous pontos—temperamentos e constituições semelhantes, e vicios de conformação da bacia.

Do primeiro, agora mesmo incidentemente fallamos: quanto ao segundo duas palavras somente, e passaremos a outras considerações.

A má conformação, diz Debay, da rapariga nubil deveria ser impedimento ao seu casamento; a experiencia demonstra todos os dias que a mulher cuja bacia offerece menos de tres polegadas de diametro

antero-posterior não pode parir naturalmente, é preciso que a arte cirurgica venha á seu soccorro: as violentas manobras que se lhe faz supportar para parir são quasi sempre funestas á sua existencia, e succede muitas vezes que a creança é sacrificada.

O pelvimetro vai dicidir da sorte da mulher.

VI.

Si aquellas palavras de Laurent escolhidas para synthese d'este mal-fadado trabalho, se algumas phrases escapadas ao correr da penna não demonstraram ainda, a repugnancia que tivemos em seguir a hygiene em suas demonstrações á respeito de illegitimidade de casamentos, digal-o agora clara e abertamente—as suas applicações são falsas, as suas conclusões—inexequiveis e perigosas. Vejamos—.

Quando a physiologia estabelece e extrema as diversas phases da vida do homem, não se esquece de lembrar, que nisto não vae mais do que uma pura divisão escholastica; porque estas diversas transformações porque passa o organismo dependem de sua constituição e temperamento, grãos de vitalidade, e meios em que elle vive e cresce.

De feito: o individuo de temperamento sanguineo e constituição forte gasta menos tempo em se desenvolver do que o de condições oppositas. O filho do norte não espera tanto, como o do sul para chegar á ser homem, em toda a extensão da palavra. A andalusa fogosa torna-se mulher primeiro, que a apathica allemã.

Si isto é assim, como fixaes uma epocha para casamentos e exclamaes—d'aqui não passareis.?!.....

Fundai-vos na physiologia? mas, a physiologia desmente-vos. Na historia? mas a historia antiga, mas a antiguidade a respeito de casa-

mentos não raciocina, porque no mesmo paiz, na mesma cidade cada legislador determina uma idade para casamentos.

Nos resultados perigosos da infracção de vossas leis? mas, si isto fôsse assim o mundo era um chaos, a humanidade—zero. Para ella vale mais um casamento em que entre o consenso do conjuges do que mil afe-ridos por vossas bitolas.—Havemos de proval-o.

Assim não incomodeis mais as leis actuaes com vossas imprecações, porque ella não aperta o casamento em um circulo de ferro, como pre-tendeis.

As nossas leis não fixam a idade em que os menores podem casar va-lidamente. Podemos porem concluir que na capacidade que a Ord. . . . presume nos varões maiores de quatorze annos e nas femeas maiores de doze, está implicitamente comprehendida a capacidade para casar. . . (1)

Em outro lugar, (§ 60) como para dar mais liberdade ao casamento, diz o mesmo legislador: *Este impedimento porém por falta de idade pôde ser dispensado pelos ordinarios, si malitia supleat aetatem.*

Quantas considerações de ordem moral não se deduzem d'essa tão justa liberdade em materia de casamentos?! . . .

Quante não é bemfazeja a instituição, que não deixa finir-se a ra-pariga que não teve culpa de encontrar *antes de tempo* o seu arrimo de toda a vida?!

Mas a hygiene pouco se importa com tudo isto, o que ella quer são athletas. Bem vistes como ella fulmina as uniões entre consanguineos; porque o crusamento de raças é o unico meio, que pode attingir á este fim. Mas enganaste-vos ainda em vossas applicações.

Quando o creador procura melhorar uma raça, qual é o methodo seguido?

Transporta de outro céu, de outro clima individuos para esse fim,

(1) Direito Civil—Conselheiro Loureiro—§ 69.

ou contenta-se com o que ha em seu paiz, e ainda mais com esta mesma raça, que vai degenerando? Já o demonstramos—o segundo methodo é o seguido.

Então, como no crusamento da familia humana, procuraes n'outra familia o individuo que a deve regenerar?

Ainda aqui não se esquece a hygiene de appellar para a historia.—A aristocracia que não procura misturar se com outra aristocracia, diz ella, extingue-se em curto espaço de tempo.

Não vos aceitamos o facto, ou se quereis que o accitemos, diizei-nos:—

1.º—Qual é o espaço de tempo, que deve viver uma familia de reis?

2.º—Ponde-me uma aristocracia sã, composta de certo numero de individuos, vivendo em certo clima, com certos costumes, diante de outra em identicas circumstancias, introduzi n'uma d'ellas individuos estranhos á familia.

Si n'esta a vida prolongar-se mais do que na outra, si seus membros forem mais felizes, confessaremos então—a vossa observação é verdadeira—prestamos-lhe fé. Mas dizer, tal aristocracia de tal paiz extinguiu-se porque *encerrou-se em si* tal outra de outro paiz, foi mais feliz porque abriu os braços á principes estrangeiros, é exhibir uma inutilidade d'onde nada se pode concluir.

Novo proscripto da lenda, caminhaes, ainda e sempre impellido por uma fatalidade que vos faz tombar de principio em principio, sem que uma voz—a da consciencia—vos brade amiga—parae!

O christianismo e as leis que d'elle emanam prohibem o casamento em certos graus de parentesco—dizeis ainda.

Prohibem, é verdade; mas porque o prohibem? Para obter athletas, ou para impedir escandalos? Para melhorar o physico ou para sustentar a moralidade de que carecem as nações, e de que vivem a familia e a sociedade?

Felizmente n'este ponto a lei é clarissima.—Vêde:

Não podem casar validamente pela repugnancia e pejo natural, e pelo receio do abuso do tracto familiar, os parentes entre si, ou sejam por consanguinidade, ou por affinidade; na linha recta in infinitum, e transversal até o quarto grau contado segundo o direito canonico.... Alem d'isto em razão do parentesco espirital que se contrahe no baptismo resulta impedimento para o matrimonio: 1.º Entre o baptisante e o baptisado, e seu pai e mãe: 2.º Entre o padrinho e madrinha e o afilhado, e seu pai e mãe. (1)

O fim da lei, pois, quando assim pensa não é mais do que impedir certas uniões illicitas que tinham lugar entre povos barbaros; como entre os Tartaros, os Carahibas, os Chiles, e os Seythas, onde os pais desposavam as filhas; como entre os Arabes e Persas onde os filhos desposavam as mães; como no Perú e Siam onde o irmão—á irmã.

Os §§. 62 e 63 ainda tornam mais lato o pensamento do legislador á respeito de casamentos.

Depois d'estas reflexões deveriamos passar naturalmente ás prohibições tendentes ás uniões entre individuos atacados de molestias hereditarias. Não n'o faremos, porém; porque, por ora só tractamos da má applicação feita pela hygiene de principios eternos e verdadeiros, e as applicações aqui sam justas. Essa prohibição vae ter outro genero de refutação.

Entretanto, antes de passarmos adiante digamol-o já: sem recusarmos a opinião de Debay á respeito de estreitamento de bacia, negamos com tudo, que o medico disponha de meios para verificar, não approximadamente, mas com toda a exactidão, de que ha mister, a extenção dos diametros da bacia, e d'ahi pronunciar-se á favor do casamento ou contra o mesmo.

(1) Obr. cit. § 61. A lei é obrigada á conceder dispensa em alguns d'esses impedimentos, como se sabe.

Os signaes racionais falham; o pelvimetro externo dá resultados aproximados, que em taes casos não devem nem podem satisfazer ao medico; e ao uso do interno oppõe-se a membrana hymen e o pudor virginal.

VIII.

Admitti por um momento, que tudo quanto acabamos de espende á respeito de vossas applicações sobre a illigitimidade do casamento, não passa de um contrasenso, de um absurdo contrario á todas as leis da boa logica.

Concedei-nos isto, mas em paga prestai-nos toda a attenção de que fordes capaz sobre o que vamos espende á respeito do impossivel da applicação pratica de vossas theorias, e do resultado funesto que acarretariam ellas.

Temos plenos poderes: vamos unir em matrimonio dous individuos pela maneira que imaginaes e segundo as leis eternas da igreja catholica.—*um só, com uma só e para sempre.*

A—tem vinte e cinco annos de idade, é de constituição forte e de temperamento sanguineo, em sua familia nunca deu-se um só caso de molestia hereditaria.

B.—tem dezoito annos de idade, sua constituição é fraca, seu temperamento é nervoso, e de familia diversa da de A., e tão pura que por ella nunca passou nem a sombra de uma herança morbida, e finalmente á respeito de bacia (pode-se verificá-lo) tem-n'a perfeita.

N'estas circumstancias dizeis vós—casem-se; porque a sociedade terá fructos abençoados.

Mas dizei-nos agora; em que parte do mundo tão abençoada; em que raça tão bem fadada encontrareis dois individuos em taes circums-

tancias? Na Europa, n'Azia, n'África, n'America, ou na Oceania? na raça caucasica, na mongolica, na ethiope ou na americana? No ceu ou na terra?—Na terra, haveis concordar connosco, é tão impossivel isto, como o é a perfectibilidade humana.

E tanto isto é verdade, e tanto receiaes esta difficuldade que concedeis a união entre diathezicos, mas a concedeis sob aquella theoria de antagonismo de que já fallamos em lugar competente.

Outra difficuldade—outro impossivel!

Muitas vezes, é verdade, o syphilitico acha um depurativo energico no seio puro da virgem, que se lhe entrega espontanea, e com sacrificio de sua existencia; muitas vezes o tuberculoso encontra no meio d'esta desgraçada molestia, para a qual não ha medicina, a medicina de um coração de mulher, que si o não cura, fal-o vegetar por muitos annos.

Mas ide dizer á uma rapariga—sois forte e robusta, uni-vos á este pobre rachitico que arrastando uma desgraçada existencia, ainda assim não se apoderou d'elle o demonio do egoismo para desconhecer que só poderá dar á sociedade filhos vigorosos unindo-se convosco para debellar aquelle vicio do qual muitas vezes não tem elle culpa.

Dizei-lhe tudo isto, e o mais que vos suggerir a vossa eloquencia, e amor pela humanidade, e vos affiançamos que nada conseguireis, ou é um phantasma a liberdade dos affectos humanos.

É por isto, que dissemos posteriormente que prohibieis as uniões entre individuos atacados de molestias hereditarias.—A impossibilidade na execução d'ellas authorisa-nos agora a nossa proposição.—Aquella contradicção suspeitada destroe-se agora por si mesma.

E esta difficuldade surge tantas vezes em vosso espirito, que andais desvairados, ora levantando os brios do pai de familia, ora invocando a supremacia da lei para introduzir na familia humana o que pratica-se no cruzamento das raças animaes, mil vezes mais felizes do que nós

n'este ponto (como affirmaes); porém tambem (e reparaí n'isso) mais imperfeita, porque falta-lhe o que nos sobra—as faculdades moraes.

Esse vosso appellar, pois, para o pai de familia e para a lei é um louco appellar; porque diante d'esse echo perdido levanta se alta e invencivel a barreira dos affectos.

O pai de familia é impotente á vosso appello, porque é parte da humanidade; a lei surda porque bastante liberal.

Muitas vezes, porém, aquelle á quem a Providencia confiara o delicadissimo cargo de chefe de familia, esquecendo-se de seus deveres, perde para sempre, sugcitando a prepotencia de sua authoridade, uma alma que se revia formosa na realisação de um sonho que era todo o seu existir.

Muitas vezes o pae de familia ou demasiadamente ignorante ou demasiadamente ambicioso, contraria as affeições legitimas de uma filha; porque o objecto d'ellas não lhe promette larga copia de cabedal, que posta na balança de sua cobiça convença-o de que elle não dá, mas vende o que não se compra nem se vende—o amor.

Mas o que resulta d'isto sabe-o o mundo inteiro; dizem-o as estatisticas; e vós mesmo não o ignoraes quando tractando das paixões apresentaes os resultados funestos de amores contrariados.

Descuret na sua excellente obra intitulada—Medicina das paixões—d'entre muitos casos que cita de amores contrariados terminados pela phthisica, melancholia e suicidio, falla de um muito notavel terminado pela loucura e parricidio com antropophagia.

É um caso interessantissimo que estampariamos aqui como o distincto escriptor o descreve, senão nos desanimasse a inconveniencia de uma longa citação. Entretanto o resumiremos o mais que fôr possivel para não privarmo-nos de mais essa prova eloquentissima do poder da paixão, e á vós da mais horriavel de quantas tragedias tem creado a imaginação ardente de bemfadados talentos.

Maria de los Dobres era filha de um velho pastor da Segovia. Aos

seus dezoito annos apaixonou-se louca e desesperadamente por Juan Dias, que como ella vivia de apascentar rebanhos por aquelles tão poeticos desvios das terras de Hespanha.

Esgotados todos os meios de que lançaram mão os dois amantes para obter do velho obstinado a realisação de seus tão justos desejos, Juan Dias valendo-se do extremo recurso, confessa ao velho a deshonra da filha; mas embalde, porque nem á isto dobra-se aquella vontade de ferro. Dias ou saciado das primicias d'aquella paixão, ou realmente irritado por tão estranha recusa, participa á amante o occorrido, acrescentando que a renunciava para sempre porque *não se queria ligar á um homem cuja baixesa se lhe manifestava tão altamente.*

Desde este dia a pobre rapariga não soltara mais um só queixume.

Uma noite o velho dormia junto ao fogão. A filha entra... lança-lhe um olhar semelhante ao da fera proxima a devorar a victima... surri-se, e agarrando um tenaz o descarrega sobre o craneo do pobre velho que cahie sem vida á seus pés. Então, lançando mão de uma faca arranca-lhe o coração e põe-se á devoral-o, gritando aos vizinhos que pasmavam de horror.—

Aproximai-vos!... aproxima-vos!... vêde!—Roubou-me Dias—mattei-o; despedaçou-me o coração—eis o seu!

E convidando-os á participar dos restos d'aquelle estranho repasto—repetia: É seu coração, é o coração de meu pai.

Esse facto talvez seja o unico nos annaes da humanidade; mas outros por ventura mais ricos de peripecias está—os observando de quando em quando a sociedade. Para nós elles são a logica viva das organizações femininas, são a reacção fatal da liberdade moral contra a authoridade mil vezes amaldiçoada do que abusa da fraqueza, como o senhor abusa do escravo.

Si tudo isto é verdade, si todos estes horrores provoca-os a ignorancia ou a malvadeza dos que não comprehendem o posto que occupam, o que não succederia si a lei e a sociedade accollendo as vossas

theorias fizesse da mulher uma machina de formar athletas?

Desenganae-vos, pois, as vossas theorias no estado actual da sociedade são inexequiveis e perigosas. Se ainda assim persistis em suas applicações practicas, esperae por tempos mais felizes, deixae que a mulher se esqueça e abdique de sua dignidade.

Entretanto, quando chegar este tempo, preparaе-vos tambem para commemorar a ressurreição da Babylonia do propheta e a Roma dos Cezares com seus lupanares e prostibulos, suas depravações e impudicias; para justificar o pensamento supinamente immoral do embaixador Turco em França, quando dizia: *Somos uns grandes tolos em sustentar um serralho com grandes despesas. Vós outros christãos poupai-nos á estas despesas e cuidados; porque o vosso serralho é em casa de vossos amigos*; e gravar na lapida de poucos tumulos este epitaphio, que os Romanos, assim mesmo no meio de tanta depravação, dedicavam as suas virtuosas matronas:

Conjugi pia, inclitæ uni viræ.

Não vos illuda finalmente a perspectiva risonha, porem enganadora do que a geraçãe de hoje pôz por nome perfectibilidade humana, e os que não sonham acordados denominaram—utopia.—Não vos persuadeis que melhorando o physico, deixareis intacto o moral, principalmente pelo modo porque o pretendeis.

Quereis a prova d'isto?—Lêde estas palavras de Chateaubriand, na sua obra monumental—o Genio do Christianismo.—

Que incomprehensivel destino faz com que o homem só, seja exceptuado d'essa lei tão necessaria á ordem, á conservação, á paz e á felicidade dos entes? Quanto mais visivel é a harmonia das qualidades e movimento no restante da natureza tanto mais a sua desunião é sensivel no homem. Em permanente lucta se travam n'elle entendimento e desejo, razão e coração. Se attinge o mais elevado grão de civilisação, rebaixa ao infimo da moral. Se é livre, é selvagem, si se pule forja cadeias para si proprio. Se brilha pelas sciencias, apaga-se-lhe a imaginação; se

é poeta apouca-se-lhe o pensamento; lucra o coração o que a cabeça perde, e dos desfulques do coração aproveita a cabeça. Com o opulentar-se em sentimentos vem empobrecer em ideias; o dilatar-se em ideias é amesquinhar-se em sentimentos. A força endurece-o e desorna-o; a fraqueza dá-lhe graças. Uma virtude é sempre a portadora de um vicio, e sempre ao retirar-se, o vicio lhe leva na ressaca uma virtude.

Entretanto, se apezar de tudo isto é preciso lutar contra a fatalidade do destino, se é preciso ao menos aproximar-vos ao vosso fim, porque não deixaes a arvore para cuidar do fructo? Não tendes para a creança que traz comsigo o germen de uma afeecção futura o aleitamento mercenário, a gymnastica e tantos outros meios preconizados por vós mesmos?

Aconselhae-os pois, que ao menos teem a vantagem de ser exequíveis e innocentes, e deixae-nos da utopia de illegitimar, o que só pode impedir os motivos a que se referem os §§ 60, 61, 62, 63, do Direito Civil já citado.

VIII.

Agora, si d'essa perigrinação curta, porém tão afanosa, em que andamos transviados em busca da verdade, outra cousa conseguimos além de desenganos e decepções, o que d'ella trouxemos são estas recordações—synthese conscienciosa—de um labutar incessante pela causa santa da familia e da humanidade:

a.—O casamento é para mulher o que a respiração é para os seres organisados.

b.—Para o homem não seria elle o mesmo, si a isto o não coagissem nas affecções physicas e moraes.

c.—Em quanto a mulher não se esquecer do que foi e do que é, o

escarneo e a maldição, serão as suas unicas manifestações de reconhecimento á antiguidade, que a rebaixou até a escravidão.

d.—Instituição livre, como a entende a lei e o exige o estado actual da sociedade, o casamento não pode ser illegitimo sinão pelos motivos por ella apontados.

e.—Falsa em seus principios, inexequível em suas applicações, perigosa em suas conclusões a hygiene não passa de uma presumida, quando pretende sugeitar ás suas leis o que não ha lei que sugeite—os affectos humanos.

f.—Si se persuadem os hygienistas que aperfeiçoando o physico, aperfeiçoam tambem o moral e concorrem para uma cousa que utopistas denominaram—perfectibilidade—enganam-se.

g.—Assim, a illegitima e perigosa é só a hygiene, quando pretende com suas prohibições rebaixar a união de dous seres pensantes e intelligentes ao ajuntamento material de animaes pelo crusamento de raças.

h.—Assim, illegitimidade á respeito de casamento é palavra, que deve ser riscada da hygiene.

i.—O que nunca deve esquecer ao hygienista e á quem coube a alta missão de dirigir os destinos das gerações é um facto unico: não contrariar vocações para não crear justificações tacitas de crimes, que se não justificam, e que uma vez perpetrados—matam a familia escandalizando a moral.



SECÇÃO CIRURGICA.

Qual o mais seguro, mais prompto e mais inofensivo meio de promover-se o parto prematuro?

PROPOSIÇÕES.

I.

Promover um parto prematuro é fazer com que elle se dê antes de seu termo normal, porém em epocha em que o feto seja *viavel*.

II.

O fim de tal operação é salvar a vida da creança, e poupar á parturiente á manobras sanguinolentas em que succumbe quasi sempre.

III.

Regeitada a principio como um crime, não ha hoje paiz civilisado que a não acolha e afague.

IV.

As fricções exercidas sobre o collo e fundo do utero, o descolamento do segmento inferior do ovulo, a perforação das membranas, a introduccão de um corpo extranho no interior do collo, a rolha vaginal, e as irrigações uterinas,—taes são os principaes meios de que lança mão o pratico para promover o parto prematuro.

V.

É tão fraco o primeiro meio, tão impotente, e as vezes tão inexecuivel o segundo, que não merecem as honras de um commentario—cahem por si mesmos.

VI.

A perforação das membranas é um processo seguro, mas não inoffensivo, ainda quando se trate da modificação de Meissner.

VII.

Apezar d'este inconveniente, Caseaux parece preferil-o pelos seus resultados praticos, ao da introdução da esponja preparada inventada por Hugle e por elle modificado.

VIII.

Para Caseaux, que n'este ponto segue a opinião de Stoltz, o processo da rolha vaginal só tem importancia *quando o trabalho estiver ja começado*, ou ao menos, quando uma perturbação notavel tiver sobrevindo nas funcções do utero.

IX.

O processo das irrigações uterinas é hoje o mais geralmente empregado.

X.

A obstetricia deve-o a Kewisch.

XI.

Si é como alguns dos outros tão prompto e tão seguro, tem sobre todos elles a grande vantagem de ser o mais inoffensivo.

XII.

Si algum outro ha que reuna todos os requisitos pedidos, não n'o conhecemos, e nem cremos que exista.



SECÇÃO MEDICA.

Sêde das molestias.

PROPOSIÇÕES.

I.

Por mais util que seja o conhecimento da sêde de uma molestia, nem sempre o é mais de que o de sua natureza, como pretendia Bichat.

II.

Se a cura da molestia repousasse exclusivamente no conhecimento de sua sêde, mal do medico, mal da humanidade!—só se curaria aquella cuja sêde fosse anatomicamente visivel.

III.

Segundo o tempo em que obrou a causa morbifica, e segundo a natureza da molestia, sua sêde não será anatomica, e material; mas vital e inpalpavel.

IV.

As nevroses são a prova irrecusavel das duas asserções.

V.

N'estas é que fogem de envergonhados os escalpellos de Bonet e Morgagni.

VI.

Nem sempre o circumscripto e limitado da sêde de uma molestia, ou a sua grande extensão, querem diser que ella é local ou geral.

VII.

A extensão da séde anatomica de uma molestia depende de sua natureza e muitas outras circumstancias.

VIII.

As molestias atacam sem excepção á todas as partes do organismo.

IX.

Em ordem de frequencia as partes externas são mais sujeitas ás causas morbificas do que as internas, porque mais expostas.

X.

A séde da molestia não está exclusivamente nos solidos nem nos liquidos, como queriam os solidistas e humoristas.

XI.

Os órgãos pares são sempre solidarios em seus soffrimentos.

XII.

Cremos com Chomel na influencia das idades sobre a séde das molestias.



SECÇÃO ACCESSORIA.

Pode-se sempre determinar com certeza si houve deffloramento? E si foi esse praticado por instrumento diverso do membro viril, ou si por este? E n'este caso se houve ou não emprego de violencia?

PROPOSIÇÕES.

I.

Quando a anatomia disser-nos o que constitue virgindade, a primeira questão será cabalmente respondida.

II.

Os dados colhidos do exame dos grandes labios, da forquilha, da fossa navicular, e do orificio da vagina não authorizam o medico á affirmar si houve ou não deffloração.

III.

A presença ou auzencia da membrana *hymen* não constitue provas exuberantes da virgindade, ou de sua auzencia.

IV.

O resultado do exame das manchas de sangue e de sperma são tão valiosos como os precedentes.

V.

Si no meio de tanta incerteza alguma cousa ha, que ao menos, possa descarregar a consciencia do medico, é sem duvida a reunião de todos estes signaes.

VI.

As difficuldades que existem á respeito da primeira questão, tornam-se maiores quando se tracta da segunda.

VII.

Muitas vezes o facto de uma recusa leva a mulher a praticar em si o que somente deveria ser occasionado pela malvadeza do homem.—Hoje sam poucos os que *fogem deixando a capa*, comtudo ainda ha quem pague o mal que não fez.

VIII.

A respeito de defloração cada mulher é uma Walkiria—não cede sem resistencia, ainda que fingida; por isto o estrago consideravel da vagina, e as contuzões nas diversas partes do corpo não querem dizer—violencia—, como o pretendiam Mahon e Foderé.

IX.

O que vem lançar um raio de luz vivissima sobre a questão presente, é o paralelo das forças da queixosa com as do accusado, como o de seus órgãos sexuaes.

X.

A infecção venerea escrupulosamente verificada concorre para o mesmo fim.

XI.

As manchas encontradas na camiza da queixosa e suas posições tem tanto valor para provar-se a violencia, como para verificar-se a defloração.

XII.

O essencial é o interrogatorio, e as pesquisas do medico segundo lhe prescreve a sciencia.—Á respeito dos trez quizitos só por este meio chegar-se-ha, á dar á Deos o que é de Deos, e á Cesar o que é de Cesar.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Mulierem in utero gerentem ab acuto aliquo morbo corripì, lethale.

(*Sec. 2.^a Aph. 6.*)

II.

Si fluxui muliebri convulsio et animi deliquium superveniat, malum.

(*Sec. 5.^a Aph. 56.*)

III.

Mulieri, menstruis deficientibus, a naribus fluere sanguinem, bonum.

(*Sec. 5.^a Aph. 33.*)

IV.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum.

(*Sec. 11. aph. 46.*)

V.

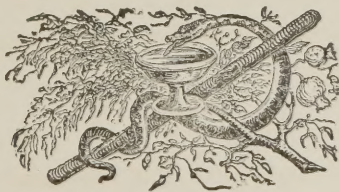
Cibi, potus, venus, omnia moderata sint.

(*Sec. 2.^a Aph. 6.*)

VI.

In morbo belle comedenti nihil proficere corpus, malum est.

(*Sec. 1.^a Aph. 31.*)



*Remetida á Commissão Revisora. Bahia e Faculdade de Medicina
30 de Setembro de 1864.*

*Dr. Gaspar,
Secretario interino.*

Estu these está conforme os Estatutos. Bahia 5 de Outubro de 1864.

*Dr. Luiz Alvares.
Dr. A. Alvares da Silva.
Dr. Cunha Vallé Junior.*

Imprima-se. Bahia e Faculdade de Medicina 21 de Outubro de 1864.

*Dr. Baptista,
Director.*

